

O Ludus de Antichristo e o drama da escatologia imperial no século XII

Vinicius Cesar Dreger de Araujo¹

Resumo: Buscamos neste texto analisar as imbricações entre o texto teatral germânico do século XII, o Ludus de Antichristo, e o seu contexto político-cultural, particularmente em relação às personagens do Antichristo e do Último Imperador Romano, seus protagonistas, com a Escatologia Imperial encontrada no período. Nosso artigo contém um detalhado resumo da peça, estudos relacionados às tradições e documentos que levaram à sua concepção e seu enquadramento nos debates políticos e religiosos do século XII.

Palavras-chave: Teatro medieval, Escatologia imperial, Sacro Império Romano, Último Imperador, Antichristo.

The Ludus de Antichristo and the imperial scathology drama in the XIITH century

Abstract: We seek in this paper to analyze the interplay between the text of the twelfth century German theater, the Ludus de Antichristo, and its political and cultural context, particularly in relation to the characters of the Antichrist and the Last Roman Emperor, its protagonists, with the Imperial eschatology found in the period. Our article contains a detailed summary of the play, studies related to the traditions and documents that led to its design and its framing in political and religious debates of the twelfth century

Keywords: Medieval theatre, Imperial eschatology, Holy Roman Empire, Last Emperor, Antichrist

Recebido em 17/03/2013 - Aprovado em 10/08/2013

1. Introdução:

Na Bayerische Staatsbibliothek (BSB) em Munique, existe um manuscrito registrado sob o código Clm 19411, produzido pelo *scriptorium* da abadia imperial de Tegernsee, por volta de fins do século XII, inícios do XIII. Neste códex se encontram reunidos diversos textos retóricos e modelos epistolares, concernentes ao ensino da *Ars dictaminis*, uma seleção de trechos da *Gesta Friderici I Imperatoris* de autoria do bispo Otto de Freising e, finalmente, o texto do *Ludus de Antichristo* (originalmente composto entre 1157 e 1160), um dos textos dramáticos mais completos que sobreviveram à Idade Média.

Completo tanto no sentido de que o texto em si se encontre (provavelmente) completo - incluindo o conjunto mais completo de direções de palco (*didascaliae*) para

¹ Vinicius Cesar Dreger de Araujo é Doutor e Mestre em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Especialista em temas relativos à Germânia Imperial Medieval. Atua como professor na Pós-graduação do Centro Universitário Anhanguera em Santo André e Osasco (SP). Também é editor do blog *Gentes ultra Remum* – Medieval Imperial German Studies ~ Estudos sobre a Germânia Imperial Medieval (<http://migstudies.wordpress.com>). Email: viniciusdreger@hotmail.com.

uma peça do século XII - quanto no sentido de que a amplitude de seu enredo abarca, literalmente, todo o mundo.

Nosso texto tem por objetivos analisar as partes componentes da obra (o *Ludus de Imperator* e o *Ludus de Antichristo* propriamente dito), seu *dramatis personae*, enfatizando os dois protagonistas (o Imperador e o Anticristo) através do estudo de suas origens tradicionais, o contexto histórico da obra e sua relação com o mesmo, para enfim alcançarmos algumas conclusões.

2. O *Ludus de Antichristo*:

Iniciemos nossas investigações com o entendimento do significado do termo "ludus" para o medievo. Seu significado, derivado diretamente do Latim clássico, é o de "jogo", sendo que, para J. Huizinga, "ludere" (o verbo do qual a palavra deriva), se encontra na esfera da falta de seriedade, do engano e da fraude (HUIZINGA, 1980, p. 36-37). "Ludus" abarca os jogos infantis, a recreação, apostas, jogos de azar e as representações litúrgicas e teatrais.

E nossa fonte se enquadra justamente neste último significado. Trata-se de uma representação litúrgica e teatral, voltada à elucidação de um mistério (os dias que antecederão à Parusia) mas, ao mesmo tempo, possuindo em sua concepção uma ligação muito próxima com os temas que permeavam a realidade política cotidiana de seu anônimo criador, um monge da abadia imperial de Tegernsee na Bavária em meados do século XII.

O texto possui um escopo cósmico: como já mencionado, o cenário no qual se desenrola a ação da peça, é nada mais, nada menos, do que o mundo todo (dicotomicamente dividido entre Cristandade e *Gentilitas*) e seus personagens representam esta situação.

O manuscrito que contém a única cópia sobrevivente da peça, inicia o texto com as *didascaliae*, as instruções para a representação, justamente do posicionamento dos personagens no palco:

Templum domini et septem sedes regales primum collocentur in hunc modum: Ad orientem templum domini; huic collocantur sedes regis Hierosolimorum et sedes Sinagoge. Ad occidentem sedes imperatoris Romani; huic collocantur sedes regis Theotonicorum et sedes regis Francorum. Ad austrum sedes regis Grecorum. Ad meridiem sedes regis Babilonie et Gentilitatis².

(O Templo do Senhor (Templo de Jerusalém) e sete sedes régias, dispostas na seguinte ordem: ao leste³; ao seu redor estão arrançados o trono do Rei de Jerusalém e o trono da Sinagoga. A oeste, o trono do Imperador dos

²http://www.hs-augsburg.de/~harsch/Chronologia/Lspost12/LudusDeAntichristo/lud_an1p.html, consultado dia 10 de Março de 2013.

³ Nas notações geográficas medievais o leste se encontrava "para cima", posição ocupada hoje na notação moderna pelo norte.

Romanos; ao seu redor, os tronos do Rei dos Teutões e o trono do Rei dos Francos. Ao sul, o trono do Rei dos Gregos. Ainda no sul, os tronos do Rei da Babilônia e da *Gentilitas*.⁴

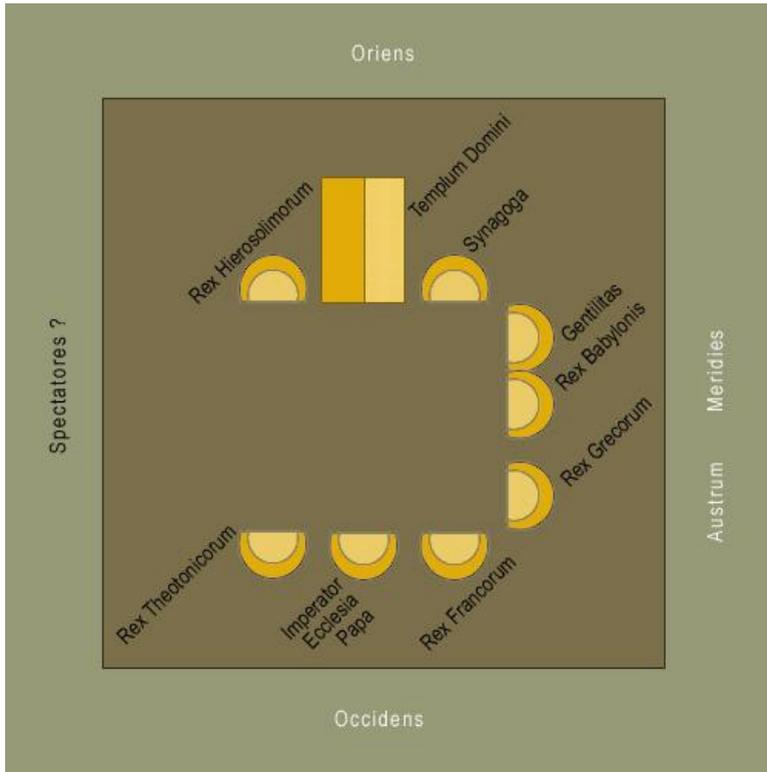


Figura 1: Reconstituição do posicionamento de palco para os personagens do *Ludus de Antichristo*, extraída da *didascalia* contida no texto da peça⁵.

⁴ As traduções de todos os trechos da peça são obra do autor.

⁵ Crédito da imagem: Bibliotheca Augustana,

http://www.hs-augsburg.de/~harsch/Chronologia/Lspost12/LudusDeAntichristo/lud_scen.jpg, consultado dia 10 de Março de 2013.

Quadro 1: *Dramatis personae do Ludus de Antichristo*

<i>Ecclesia</i>	Representação da Cristandade
<i>Synagoga</i>	Representação do Judaísmo
<i>Gentilitas</i>	Representação do Paganismo/Islam ⁶
<i>Imperator Romanorum</i> <i>postea: Rex Theotonicorum</i>	Imperador dos Romanos; posteriormente, Rei dos Teutões.
<i>Rex Francorum</i>	Rei dos Francos
<i>Rex Grecorum</i>	Rei dos Gregos
<i>Rex Hierosolimorum</i>	Rei de Jerusalém
<i>Rex Babylonie</i>	Rei da Babilônia
<i>Antichristus</i>	Anticristo
<i>Ypocrisis</i>	Hipocrisia
<i>Heresis</i>	Heresia
<i>Propheta Helias</i>	Profeta Elias
<i>Propheta Enoch</i>	Profeta Enoque
<i>Legati/Nuntii</i>	Legados/Núncios
<i>Ypocrite</i>	Hipócritas
<i>Ministri</i>	Conselheiros, ministros
<i>Angelus</i>	Anjo
<i>Apostolicus (Papa)</i>	Apostólico, Papa
<i>Clerus</i>	Clero
<i>Militia</i>	Milícia, Exército, Cavaleiros
<i>Judei</i>	Judeus
<i>Misericordia</i>	Misericórdia
<i>Iustitia</i>	Justiça
<i>Claudus</i>	Manco, Claudicante, Aleijado
<i>Leprosus</i>	Leproso
<i>Simulator mortem</i>	Falso morto
<i>Chorus</i>	Coro

Nenhum deles (à exceção dos profetas) possui nome próprio, mas são funções e instituições que podem ser divididos em alguns grupos:

No primeiro grupo estão as figurações das religiões: *Ecclesia*, *Synagoga* e *Gentilitas*. No segundo grupo se encontram as figurações das Virtudes (Misericórdia e Justiça) e dos Vícios (Hipocrisia e Heresia), contrapondo-se. No terceiro grupo, as figuras bíblicas que descem à Terra (os profetas e o Anjo). No quarto grupo, os potentados terrenos (o Imperador e os Reis) e seus agentes (conselheiros, emissários e cavaleiros). No quinto

⁶ Não existia, para o autor, distinção entre o Islam e o Paganismo clássico, exatamente como na Canção de Rolando (traduzida para os dialetos germânicos como *Rolandslied* em meados do século XII), por exemplo.

grupo, a Igreja (o Papa e o Clero). No sexto grupo, o Anticristo e seus agentes (os hipócritas e aqueles que lhe ajudarão a realizar os falsos milagres). Finalmente, os Judeus, cuja trajetória os separam de todos os outros personagens.

O enredo da peça é relativamente simples. Sua primeira parte é dedicada ao *Ludus de Imperatoris*, no qual o “Imperador dos Romanos” se dedica à conquista do mundo, tanto por meios diplomáticos quanto militares.

A princípio ele dirige seus emissários aos reis presentes, iniciando pelo Rei dos Francos:

Os escritos dos historiadores nos dizem
Que uma vez todo o mundo era um feudo Romano.
A força dos antigos isso realizou,
Mas a negligência de seus sucessores desperdiçaram-na.
Sob estes o poder imperial declinou
Mas a majestade de nossa força o recuperará.
Portanto, cada rei doravante deverá pagar a Roma
O tributo previamente definido.
Mas já que a raça dos Francos é poderosa na guerra,
Seu rei poderá servir ao Império em armas.
Ele deve prestar homenagem e jurar fidelidade
Perante seu Imperador: este é nosso decreto!
(vv. 49-60)

Evidentemente o monarca franco se recusa a submeter-se ao Império e estes travam batalha, na qual o Rei é derrotado e trazido ao Imperador, a quem presta homenagem e jura fidelidade.

A seguir, ele dirige seus emissários para interpelarem ao Rei dos Gregos. Em seu discurso, percebe-se uma importante diferença de tom nas linhas finais:

Os escritos dos historiadores nos dizem
Que uma vez todo o mundo era um feudo Romano.
A força dos antigos isso realizou,
Mas a negligência de seus sucessores desperdiçaram-na.
Sob estes o poder imperial declinou
Mas a majestade de nossa força o recuperará.
Portanto, cada rei doravante deverá pagar a Roma
O tributo previamente definido.
Agora partam para os Gregos com este decreto;
E retornem com o tributo que eles me devem!
(vv.101-110)

Dos gregos (bizantinos) o imperador nada quer que não sejam a homenagem e os tributos (retornaremos posteriormente a este ponto). O Rei dos Gregos imediatamente cede às demandas do Imperador, rendendo-se através da diplomacia.

Na sequência o imperador dirige seus emissários para o Rei de Jerusalém recitando exatamente a mesma fala dita sobre os Gregos. O Rei de Jerusalém imediatamente cede às demandas do Imperador, rendendo-se através da diplomacia. Neste momento o Imperador declara que toda a Cristandade agora está sujeita ao Império Romano.

Neste momento se ergue o Rei da Babilônia, representante do mundo não-cristão, da *Gentilitas* e ataca o Rei de Jerusalém que, por sua vez, pede ajuda ao Imperador nos seguintes termos:

Tende piedade, ó Defensor da Igreja,
De nós, a quem os próprios inimigos de Deus pretendem destruir.
Os pagãos avançam para a herança de Deus;
Eles assediam Sua santa cidade.
Esta terra, que uma vez foi agraciada com Sua sagrada presença,
Este bando pagão pretende degradar.
(vv. 129-134)

Então, na substância (mas não no nome), o Imperador realiza uma verdadeira Cruzada que, com o vaticínio de um Anjo, derrota em batalha o Rei da Babilônia e suas tropas. Neste momento, o Imperador adentra ao Templo de Jerusalém, adora ao Senhor, retira da cabeça seu diadema e o deposita, juntamente com seu cetro, no altar, abdicando assim de sua dignidade imperial:

Recebe, ó Senhor, meu grato presente, já que eu
Abdico de meu reinado para Ti, Rei dos Reis,
Através de Quem os reis reinam e único a Quem podemos chamar
De Imperador e Governante de todos nós.
(vv.147-150)

Ele retorna à Germânia, onde reassumirá o título de Rei dos Teutões. Contudo, a partir deste momento, os outros personagens passam a sofrer a influência dos Hipócritas, os agentes do Anticristo, que entra em cena acompanhado das personificações da Hipocrisia e da Heresia. Isso marca o início da segunda parte da peça, o *Ludus de Antichristo* propriamente dito, com este discurso:

A hora de meu reinado chegou;
Portanto, vocês duas precisam perseverar;
Preparem imediatamente o caminho para que eu
Possa ascender ao trono da realeza.
I desejo que o mundo me adore
Apenas a mim e para sempre.
Ambas estão aptas para isso obter, eu sei;
Eu as criei para tanto há muito tempo.
Agora chegou o momento em que peço-lhes
Seu auxílio e labor para esta empreitada.

Contemplem as nações entronizadas,
Reverenciando e adorando apenas ao Cristo.
Portanto, apaguem Sua memória
E transfiram a mim o Seu renome!
(vv. 149-162)

Ambas asseguram-no que cumprirão suas missões. A Hipocrisia através dos leigos e a Heresia através do clero, todos irão renegar ao Cristo. A Hipocrisia surge no trono do Rei Hierosolimitano, anunciando aos Hipócritas o advento do Anticristo, que prestam-lhe a sua fidelidade e prometem-lhe:

Todo o mundo lhe apoiará, graças a nós.
Nós ganhamos a confiança dos fiéis, e agora
Através de ti o discernimento do clero sucumbirá.
Com nosso auxílio, ocupará este trono.
O restante advirá de habilidades que são apenas suas.
(vv.178-182)

Então o Anticristo lhes responde:

Já que vocês me conceberam no ventre da Igreja,
E após muitas dificuldades deram-me o nascimento.
Portanto, eu agora conquistarei todas as terras,
Descartando o velho e estabelecendo novos comandos.
(vv. 183-186)

Neste momento, o Anticristo e seus sequazes avançam com espadas à mostra e depõem o Rei de Jerusalém. Os Hipócritas o coroam como novo rei. O monarca deposto pede auxílio ao Rei dos Teutões.

Enquanto isso, o Anticristo estabelece seu trono no Templo de Jerusalém e a Ecclesia, que apesar das injúrias recebidas ali ainda ficara, recua para a Sede Papal. O Anticristo então envia seus mensageiros a cada monarca, iniciando com o Rei dos Gregos⁷:

Sua majestade, nosso Salvador, o Rei dos Reis
E Senhor deste mundo, envia suas saudações.
Ele, como prometido nas Santas Escrituras,
Desceu dos Céus, enviado pelo trono do Pai.
O Deus eterno nos convocou
À vida, através de sua paternal santidade
Deseja ser reconhecido como Deus
Por todos; ele demanda a adoração de todo o mundo.

⁷ Se considerarmos a deposição do Rei de Jerusalém, a interação do Anticristo com os monarcas segue a ordem inversa da estabelecida pelo Imperador Romano.

Se decidires desobedecer a nosso senhor,
Vós e vosso reino perecerão pela espada.
(vv. 201-210)

O Rei dos Gregos se submete e em troca o Anticristo pinta em sua testa a primeira letra de seu nome (a “marca da Besta”) e o mantém no trono. A seguir, os emissários se dirigem com presentes ao Rei dos Francos:

Sua majestade, nosso Salvador, o Rei dos Reis
E Senhor deste mundo, envia suas saudações.
Ele, como prometido nas Santas Escrituras,
Desceu dos Céus, enviado pelo trono do Pai.
O Deus eterno nos convocou
À vida, através de sua paternal santidade
Deseja ser reconhecido como Deus
Por todos; ele demanda a adoração de todo o mundo.
Mas já que a ele sois dedicado,
Ele agora o recompensa pelo presente de sua boa vontade.
(vv. 225-234)

O Rei dos Francos cede ao Anticristo através do suborno e presta-lhe fidelidade, recebendo em troca a marca na testa.

Na aproximação realizada em direção do ex-imperador, o Rei dos Teutões, tanto o Anticristo quanto seus asseclas cercam-se de cuidados. Segundo o Anticristo:

Os Teutões são uma poderosa raça na guerra,
Como testemunhado por aqueles que sentiram sua ira.
Temos que pacificar seu rei com presentes;
Pois combater os Teutões não é sábio.
Estes selvagens são a ruína daqueles contra quem combatem,
Então os conquistaremos com presentes ao invés da força.
(vv. 243-248)

Contudo, o Rei dos Teutões rejeita os avanços dos Hipócritas:

Sou compelido a testar estas astutas fraudes;
Seus corações malignos sempre disseram-me mentiras.
Pensamos ver a verdade, na forma de virtudes,
Mas quando a máscara cai, as mentiras aparecem.
Vocês corromperam toda a fé Cristã,
Mas eu destruirei seu reino de farsas.
Os presentes que trazem deste burlador são fraudes.
Meus inimigos cairão perante minha espada vingadora!
Que teu dinheiro pereça contigo; e para ele,
Minha vingança por este insulto será cruel!
(vv. 259-268)

Atarantados pela recusa teutônica, os Hipócritas retornam ao seu mestre:

Ó glorioso senhor, mestre do mundo,
Vêde o ultraje desta raça enlouquecida.
A fé dos tempos antigos há muito vaticinou
Que vós, seguramente, destruirá o orgulho de cada rebelde.
Se todo o mundo está sob teu domínio,
Por qual força esta loucura germânica durará?
A Germânia blasfema sua soberania
E toma armas contra a santa fé.
Agora vêde nosso terror, e por meio deste
Julgue o ultraje que eles causaram.
Sua força está sendo testada pelo desdém de seu Rei;
Ele ameaça destruir todo o vosso domínio.
(vv. 269-280)

O irado Anticristo envia seus mensageiros aos reis seus vassalos e reúne suas tropas para dar combate ao monarca germânico. Estes aliados se lançam à batalha com o fervor de cruzados, mas em vão. O Rei dos Teutões derrota a grande hoste do Anticristo; ele retorna a seu trono e declara:

O derramamento de sangue preservará a honra de nossa terra,
E o valor afastará todos os seus inimigos.
Apenas o sangue pode redimir um nome manchado,
E o sangue manterá o Império livre da vergonha!
(vv. 299-302)

Então o Anticristo muda de tática: seus sequazes trazem-lhe um homem manco, um leproso e um caixão, no qual alegam haver um homem morto em combate. Ele os cura e a cada um destes atos, a convicção do rei germânico fica mais e mais abalada até que se parte:

Nós nos pusemos em perigo por nosso ataque;
Somos insanos por combater contra o Senhor.
Através de seu poder ele trouxe o morto de volta à vida;
Ele limpou o leproso e curou o coxo;
Portanto nós veneramos seu santo nome!
(vv. 307-311)

Desta forma o monarca germânico se submete ao Anticristo, prestando sua homenagem e recebendo em troca a marca da Besta. Recebeu também o comando das tropas do Anticristo para conquistar os pagãos, levando seu desafio ao Rei da Babilônia e à Gentilitas que, evidentemente, se negam a mudar seus caminhos e a batalha se torna

inevitável. O Rei dos Teutões derrota novamente os pagãos, levando a ferros o Rei da Babilônia que também se submete ao Anticristo, recebendo em troca a Marca.

Finalmente, o vitorioso Anticristo se volta para a Sinagoga e os Judeus. Ele lhes envia seus arautos, os Hipócritas para converter os Judeus à sua causa declarando-se como o Messias aguardado pelos Judeus. A Sinagoga cede e recebe a marca em sua testa.

Então surgem os profetas Elias e Enoque, retornados dos céus. Sua missão é restaurar a verdade; eles desmascaram o Anticristo e imediatamente a Sinagoga é reconvertida. O Anticristo reage trazendo-a e aos profetas à sua presença. Ao renegarem-no em sua presença, este ordena a execução imediata da Sinagoga e dos Profetas, simbolizando o massacre dos Judeus.

Após esta cena o Anticristo alcança o apogeu de sua audácia. Convoca todos os reis e seus exércitos para que estes o adorem:

Estas coisas foram previstas por meus profetas,
Os homens que veneram meu nome e minha lei.
Esta é a minha glória, há muito profetizada,
Que todos os homens devem partilhar comigo.
Após a queda das vítimas do engano,
Minha paz e segurança, a tudo englobará.
(vv.448-453)

Então soa um trovão sobre o Anticristo, que foge na companhia de seus sequazes. Após isto a *Eclesia* anuncia ser ele o Anticristo e todos retornam à verdadeira fé, encerrando a peça.

3. Contexto Político-cultural:

Este texto foi composto na abadia imperial de Tegernsee na Bavária⁸ em algum ponto da segunda metade da década de 1150. Como se pode depreender claramente do mesmo, seus autores propositalmente enfatizaram o papel do Último Imperador Romano: como precursor do Cristo e como aquele que, potencialmente, poderia derrotar o Anticristo (só não acontecendo devido à sua imperfeita natureza humana). Por outro lado, o Papa tem um papel meramente figurativo neste grande drama do final dos Tempos. Ao que tudo indica, nem o Anticristo se dará ao trabalho de convencê-lo a renegar ao Cristianismo. A crer na Hipocrisia e na Heresia, ele já faz este trabalho por sua própria conta...

Esta pesada crítica ao Papado é característica dos membros do clero imperial que apoiavam as políticas imperiais no longo conflito que opôs *Regnum* e *Sacerdotium* entre os séculos XI e XII.

⁸ Ponto relevante, já que se tratava de uma abadia que apoiava as políticas imperiais encravada em uma região essencialmente pró-Papado.

Antes do século XI havia um altíssimo grau de ingerência laica em todos os estratos da *Ecclesia*, fato este que motivou a poderosa reação conhecida como Reforma Gregoriana, cujos objetivos eram tanto a separação sociopolítica entre clerezia e laicado, quanto a moralização do clero, através do combate à Simonia e o Nicoláismo.

Contudo, os imperadores germânicos a partir de Otto I transformaram seu episcopado em peças fundamentais de seu sistema de poder, concedendo aos bispos consideráveis senhorios e os poderes associados sobre as populações que neles viviam. Por outro lado, buscavam controlar as nomeações para os bispados e, através de seus bispos de confiança, mobilizar estas forças em contraponto a uma camada principesca laica cada vez menos satisfeita com o poder concentrando-se em régias mãos.

As tensões geradas pelo atrito entre o Papado reformista e o império atingiram seu ápice na década de 1070, quando Henrique IV e Gregório VII passaram do estágio da confrontação ideológica (como o *Dictatus Papae* e a troca de missivas cada vez mais virulentas) para as vias de fato. Pela primeira vez um Papa excomunga o outro representante de Deus e assim utilizando a máxima sanção religiosa para fins políticos e iniciando o tempestuoso período conhecido como Contenda das Investiduras, no qual o conflito ideológico desaguou em décadas de guerras na Germânia e na Itália.

Antes da Reforma Gregoriana tal duelo era impensável. Segundo Kantorowicz, o modelo de realeza Otônida e Sálío foi o cristocêntrico, já que através da unção régia o monarca era transformado em *persona gemina* com o sagrado. Esta noção caiu por terra devido à agressiva argumentação político-teológica gerada durante a Contenda das Investiduras. O Papado passou a aspirar a supremacia sobre a Cristandade e por isso minou o fundamento ideológico imperial, reservando para si a prerrogativa da representação única de Deus, relegando o Imperador ao *status* de leigo, dessacralizando, por assim dizer, a sua figura.

Segundo McGinn (1979, p. 94):

A Grande Reforma engendrada pela Contenda das Investiduras trouxe consigo as mais profundas mudanças políticas vivenciadas pela Cristandade Latina desde a conversão do Império Romano. Ela pôs em questão não apenas o sonho teocrático dos imperadores cristãos (tanto orientais quanto ocidentais) com a correspondente imersão do poder sacro no mundo laico, mas também desafiou a teoria da História e a versão predominante de cenário apocalíptico a ela associada.

Para o século XII restou ao Império a necessidade urgente de reformular sua legitimidade mística, seu papel na *Heiligesgeschichte*, a História da Salvação. Frederico I *Barbarossa*, ao assumir o trono da Germânia em 1152, deparou-se com uma situação problemática: entre Henrique IV e seu antecessor imediato Conrado III, houve um real declínio do poder monárquico na Germânia e o seu virtual desaparecimento na Itália. O patrimônio régio dos Sálíos foi dilapidado, assim como sua autoridade; ambos abarcados pelos grandes senhores territoriais, cujo esporte predileto sempre foi a promoção de guerras particulares.

A Igreja Germânica, antes o grande esteio dos monarcas, encontrava-se dividida entre os partidários da Reforma Gregoriana e os que ainda apoiavam os imperadores. Os fundamentos ideológicos da monarquia germânica, ligados a uma teologia política do Rei-Cristo (lembrando que CHRISTOS significa Ungido, assim como os monarcas eram sagrados e que “(...) todo rei é uma hipótese do Rei dos Reis, do Ungido que unge outros, Jesus Cristo” (FRANCO JR, 1992, p. 66), na qual depositavam sua credibilidade e por consequência, sua legitimidade, solapadas pela Reforma Gregoriana.

Frederico estabeleceu no início de seu reinado um programa de pacificação (*Landfreide*) aliado à um esforço tanto legislativo quanto administrativo através do qual pudesse recuperar o controle das *regalia* e da *mouvance* imperiais. Uma das principais medidas administrativas, foi a de substituir (pelo menos em parte) o papel da Igreja na administração imperial pelos *Ministeriales*⁹ (procedimento iniciado por Henrique IV e intensificado por Henrique V) e a retomada plena do privilégio garantido pela Concordata de Worms (1122) que concedia ao imperador o direito de aprovação ou veto das candidaturas episcopais. Deste modo, *Barbarossa* e sua chancelaria conseguiram reorganizar o Império em poucos anos. Outra medida carregada de consequências foi o despertar do Direito Romano, principalmente em Bologna, que durante a década de 1150 passou a receber apoio imperial e a fornecer mão de obra especializada para a administração imperial.

De fato, a restauração do Direito Romano, na qual a principal fonte do poder era o Imperador (estamos falando do Direito em sua fase tardoimperial, compilado a mando de Justiniano no século VI) trouxe uma nova fonte de legitimação para a ideologicamente combatida monarquia germânica em dois planos diferenciados: o intelectual e o imaginário. Intelectualmente, o domínio da esfera jurídica pelo Imperador não causava superposição direta às esferas de influência dos Papas como ocorria anteriormente e assim passou a estar relativamente seguro de um assalto às suas posições por parte dos intelectuais eclesiásticos. Já no plano do imaginário, configurava-se de modo muito mais agressiva a posição dos Imperadores frente aos Papas: tornava-se o concesso da Justiça por excelência, a fonte do Direito, assim como Deus. Isso era compreendido na Idade Média, talvez de modo ainda mais gutural que nos dias de hoje e a busca por uma justiça imparcial foi até caracterizada como uma “utopia” medieval, a espera pelo Milênio.

A caótica situação interna do Império entre 1075 e 1152, a titânica disputa entre os dois representantes de Deus na Terra (segundo a teoria Gelasiana de poder), o clima de insegurança e as constantes guerras civis que antecederam a ascensão de Frederico I impulsionaram o florescimento de um considerável *corpus* literário dedicado à Apocalíptica na Germânia imperial entre os séculos XI e XII nas obras de autores como Rupert de Deutz, Otto de Freising, Gerhoh de Reichersberg e Hildegard de Bingen, por exemplo. Sobre este momento é válida a reflexão de McGinn (1979, p. 94):

⁹ Grupo social da Germânia Imperial de origem servil, mas com funções nobres, compondo, por exemplo, mais ou menos 2/3 da nobreza cavaleiresca germânica.

O sucesso dos reformadores na elevação do Papado a uma posição de autoridade universal verdadeiramente eficaz na Igreja Ocidental não poderia deixar de provocar uma séria reconsideração da Escatologia e Apocalíptica tradicionais. Esquemas de História baseados na sucessão dos impérios e a visão do Fim que destacam o papel da figura do Último Imperador como predecessor de Cristo foram postos em questão num momento no qual a sacralidade, tanto do Império quanto do imperador, estavam sendo atacadas por tantos.

Rupert de Deutz (c. 1070-1129), partidário da Reforma Gregoriana, foi um dos mais prolíficos autores de seu período. Contudo, devido à sua oposição à Escolástica, acabou por ser relegado, muitas vezes, ao esquecimento. Mas se trata de um refinado pensador muito preocupado com o sentido e o significado da História, como se pode depreender de duas de suas principais obras, o *Comentário ao Apocalipse* e o poema *As Calamidades da Igreja de Liège*, são notáveis pelo seu uso da imagética apocalíptica aplicada aos eventos da Contenda das Investiduras. Rupert não esperava o imediato Fim do Mundo, mas acreditava que os eventos que lhe eram contemporâneos já faziam parte daqueles que levariam à sua plena realização histórica.

Já o Bispo Otto de Freising (c. 1110-1158) possuía antecedentes consideravelmente diferentes. Era neto do imperador Henrique IV, filho do Margrave Leopoldo III (o Santo) da Áustria, meio-irmão do rei Conrado III da Germânia e tio do imperador Frederico I *Barbarossa*. Além disso, era um escolástico, tendo estudado em Paris. Sua primeira obra, conhecida como *Crônica das Duas Cidades* é um dos mais interessantes tratados histórico-filosóficos do período medieval, combinando uma visão teológica da História de cunho Neo-agostiniano com uma hábil e crítica análise dos eventos recentes. A história universal de Otto dedica seu oitavo e último livro às considerações sobre o Fim dos Tempos. Embora não tenha inovado no tema, Otto o sistematizou de forma magistral, nele incorporando as questões derivadas da Contenda das Investiduras.

Contudo, o autor no qual a disputa entre *Regnum* e *Sacerdotium* adquiriu papel mais importante a ponto de ser vista como chave para a interpretação da História, foi o belicoso religioso bávaro Gerhoh de Reichersberg (1093-1169). Sabe-se que ele conhecia as obras de Rupert e Otto e que viveu o suficiente para testemunhar os conflitos entre Frederico I e o Papado, particularmente, o cisma entre o imperador e o papa Alexandre III. Suas reflexões acerca destes eventos fortaleceram seu profundo senso de oposição ao império e convenceram-no de que a carreira do anticristo chamado Henrique IV deu início à última e catastrófica era da História. Sua principal obra sobre o tema é *Sobre a Investigação do Anticristo*, na qual Gerhoh inovou por sua visão altamente espiritualizada, na qual ele vê o Anticristo como uma coletividade que engloba a todos que se opõem à Igreja desde os tempos de Caim, fato que permitiria interpretações apocalípticas muito mais próximas aos eventos correntes em sua época.

Finalmente, não podemos desconsiderar o quanto os eventos da Reforma Gregoriana afetaram as reflexões da visionária e profetisa abadessa Hildegard de Bingen

(1098-1179), uma das notáveis líderes religiosas de período. Suas impressionantes visões marcam-na como uma das pensadoras apocalípticas mais originais desde o período intertestamentário (McGINN, 1979, p. 97). Sua principal produção a respeito do tema, as *Scivias*, completadas em 1151, nos mostram que ela não era particularmente partidária do Papado; de fato, além da amizade que travou com o imperador Frederico I, ela predisse que os dois poderes universais da Cristandade – império e papado – falhariam conforme uma era de crise se desdobrasse. De acordo com seu pensamento, este tempo caótico, o *tempus muliebre*, teve início em fins do século XI com os confrontos entre Henrique IV e a Igreja.

De forma resumida, este era o contexto político-cultural que precedeu a composição do *Ludus de Antichristo*, influenciando-o sobremaneira.

4. O Anticristo e o Último Imperador: Tradições, documentos e interpretações

A principal fonte para a composição do *Ludus de Antichristo* foi um texto proveniente do século X, escrito pelo abade Adso de Montier-en-Der, em uma missiva destinada a Gerberga da Saxônia (esposa do rei Luís IV da França e irmã de Otto I da Germânia), intitulada *Epistola Adonis ad Gerbergam reginam de ortu et tempore antichristi*, na qual desenvolve um complexo de temas que sistematiza as duas matrizes mitológicas que, com o tempo, passaram a interligar-se: o surgimento do Imperador dos Últimos Dias e o advento do Anticristo.

A ideia da existência de um poderoso adversário que corporificasse o Mal para desafiar Deus no Fim dos Tempos não é particularmente original. Mas, em relação ao complexo Judaico-cristão, pode-se traçar sua explicitação a um dos textos mais recentes do Antigo Testamento, o livro de Daniel, particularmente nas visões atribuídas ao profeta, relatadas entre os capítulos 7 e 12.

“No fim do reinado deles, quando estiver cheia a medida dos infiéis, um rei surgirá, cheio de crueldade e fingimento.

Seu poder aumentará, nunca porém por si mesmo. Fará monstruosas devastações, terá êxito nas suas empresas, exterminará os poderosos e o povo dos santos.

Graças à sua habilidade, fará triunfar sua perfídia, seu coração inchar-se-á de orgulho; mandará matar muita gente que não espera por isso, levantar-se-á contra o príncipe dos príncipes, mas será aniquilado sem a intervenção de mão humana”. (Dn 8:23-25)

“Em seu lugar, elevar-se-á um homem vil, sem nenhuma dignidade real, que surgirá repentinamente e apossar-se-á da realeza pelas suas intrigas”. (Dn 11:21)

“Tropas sob sua ordem virão profanar o santuário, a fortaleza; farão cessar o holocausto perpétuo e instalarão a abominação do devastador”. (Dn 11:31)

“O rei fará então tudo o que desejar. Ensoberbecer-se-á, elevar-se-á no seu orgulho acima de qualquer divindade; proferirá até coisas inauditas contra

o Deus dos deuses; prosperará até que a cólera divina tenha chegado ao seu termo, porque o que está decretado deverá ser executado”. (Dn 11:36)

Resumindo, de acordo com Daniel, este adversário será tanto furtivo e enganador quanto poderoso e destrutivo; ele desafiará Deus e se proclamará como Seu igual; ele conspurcará o Templo; ele reinará com sucesso universal durante três anos e meio; finalmente, ele estabelecerá seu pavilhão em um “nobre monte” (que exegetas posteriores associaram com o Monte das Oliveiras) e neste momento será destruído pelo arcanjo Miguel e o Juízo Final passa a ser realizado.

Muito pouco foi acrescentado a este esquema por autores subsequentes, a não ser a identificação deste adversário anônimo com a antítese de Cristo, o Anticristo.

As raízes para esta identificação podem ser traçadas ao Novo Testamento, especificamente ao livro de Mateus, capítulo 24 justamente na passagem em que Cristo conversa com os Apóstolos no Monte das Oliveiras. Nesta preleção Cristo, ao discutir acerca das condições do Fim dos Tempos, retoma Daniel (Mt 24:15) e amplia a profecia:

“(…) porque então a tribulação será tão grande como nunca foi vista, desde o começo do mundo até o presente, nem jamais será.

Se aqueles dias não fossem abreviados, criatura alguma escaparia; mas por causa dos escolhidos, aqueles dias serão abreviados.

Então se alguém vos disser: Eis, aqui está o Cristo! Ou: Ei-lo acolá!, não creiais.

Porque se levantarão falsos cristos e falsos profetas, que farão milagres a ponto de seduzir, se isto fosse possível, até mesmo os escolhidos.

Eis que estais prevenidos” (Mt 24:21-25)

Aqui o Adversário é revelado como um falso Cristo, mas ainda não é nomeado como Anticristo.

Acerca do embate final e suas condições, o Livro do Apocalipse inova em termos de linguagem imagética, mas pouco acrescenta à figura do Inimigo. Uma de suas contribuições é a da presença de duas testemunhas que desnudam ao povo a verdadeira natureza do Adversário (Ap 11) e que, posteriormente, foram identificadas como os profetas veterotestamentários Elias e Enoque (ambos considerados como tendo ascendido aos céus corporeamente, podendo assim, retornar ao mundo dos homens), personagens devidamente presentes no *Ludus de Antichristo*. Outra contribuição do Apocalipse para a mitologia do Anticristo se dá com a criação da Marca da Besta (Ap 13:16-17). Já o termo Anticristo surge pouco depois, nas duas primeiras Epístolas de João (I Jo 2:18 e 4:3 e II Jo 7), finalmente individualizando o Adversário.

Este *corpus* da “Matéria do Anticristo” foi retomado, comentado, expandido e explicado nos primeiros séculos do Cristianismo por uma grande quantidade de autores, dos quais podemos destacar Jerônimo, Agostinho, Cirilo de Jerusalém, o pseudo-

Hipólito, Efraim e pseudo-Efraim, Felipe o Solitário, o pseudo-Crisóstomo, Irineu e Lactâncio, além de Apocalipses apócrifos, como os de Pedro e o de Esdras.¹⁰

O grande acréscimo oriundo, provavelmente, do período tardoantigo à legenda do Anticristo foi a sua interligação com a figura do Último Imperador Romano ou do Imperador dos Últimos Dias.

Essencialmente, esta figura, como a nomenclatura indica, é o último imperador romano, destinado a conquistar o restante do mundo, unificando-o política e religiosamente, sob a dupla bandeira de Roma e da Fé Cristã.

Os dias e acontecimentos que antecedem o Juízo Final também encontravam-se descritos nos *Oráculos Sibílicos*, conjunto de textos escritos em grego entre os séculos II a.C. e IV d.C., depois recompilados no século VI. Especialmente na chamada *Sibila Tiburtina*, de fins do século IV com versão latina de meados do século XI. Ali aparecia pela primeira vez a figura do Último Imperador Romano, em cujo reinado todos os pagãos se batizarão e “*haverá numerosas riquezas, a terra produzirá frutos em abundância, ao ponto de uma medida de trigo ser vendida por um denário, uma medida de vinho por um denário, uma medida de azeite por um denário*”.

Então, após vencer os pagãos (ou infieis, dependendo da versão), este *Dominus mundi* se dirige a Jerusalém e abdica de seu poder em nome de Cristo (o Rei dos Reis) depondo seu diadema aos pés da Cruz, no Gólgota. Justamente este vácuo de poder (não nos esqueçamos do costume medieval de descrever períodos sem monarcas como épocas de “trono vacante, Cristo reinante”) é que permite a ascensão do Anticristo, já que este toma para si o manto do Cristo. Através de ameaças, adulação, falsos milagres e conquistas ele consolida seu domínio, por três anos e meio antes de sua queda.

O principal documento a registrar esta versão é a *Revelação* (ou Apocalipse) do *Pseudo-Metódio*, oriundo da Mesopotâmia no século VII e composto em idioma siríaco. Contudo, este texto trata o Último Imperador como um monarca Bizantino (romano oriental, portanto), que surgirá entre o fim das invasões Árabes e antes do reinado do Anticristo. O pseudo-Metódio se refere a este monarca especificamente como “Rei dos Gregos” e ascenderá quando os Árabes conquistadores declararem que “não existe um redentor para os Cristãos”. Para o Pseudo-Metódio, a principal tarefa do Rei dos Gregos é a condução da guerra, na qual ele excelerá, derrotando os Árabes e submetendo-os a um jugo com vezes mais severo do que estes haviam imposto aos Cristãos¹¹.

Após algum tempo de paz e prosperidade, um inimigo inominado surge do norte e será aniquilado por um anjo e, subsequentemente, o Rei dos Gregos toma Jerusalém por sua capital, de onde reinará por dez anos e meio, até que o “filho da Perdição” (o Anticristo) se revele. Então, o monarca imediatamente vai ao Gólgota, oferece seu diadema à Cruz, ergue as mãos aos céus e abdica de sua realeza para Deus. Finalmente, o Rei dos Gregos falece, sendo, na prática, o Último Imperador Romano.

¹⁰ Para uma listagem compreensiva das obras e autores medievais e tardoantigos que lidaram com a questão do Anticristo antes do século XIII, recomendamos a consulta aos volumes 219 e 220 da *Patrologia Latina* de J.P. Migne, páginas 49-52 e 265-308, respectivamente.

¹¹ ALEXANDER, 1978, p. 02.

A principal influência na composição desta personagem (como notado em 1896 por Franz Kampers), é o messianismo judaico, principalmente obras extra-canônicas produzidas ou durante o período de dominação Selêucida ou da ocupação romana na Palestina, ficando plausível para o autor a comparação destes tempos de crise para a fé, combinados com domínio estrangeiro, com seu momento histórico, marcado pela expansão político-religiosa do Islam.

O Pseudo-Metódio, ao que tudo indica, era proveniente as comunidades cristãs siríacas do noroeste do atual Iraque (na época pertencente ao Império Sassânida), uma região que ficou essencialmente ao largo dos desenvolvimentos teológicos cristãos helenizados do Império Romano do Oriente, permanecendo sob influência do Judaísmo por mais tempo e de forma mais profunda do que em qualquer outro lugar. Isso nos conecta diretamente com a formulação judaica do Messias como rei-guerreiro, libertador de seu povo e fé, com o Rei dos Gregos do autor.

Em sua carta à rainha Gerberga, Adso retoma os fios das tradições ligadas ao Anticristo e ao Imperador dos Últimos Dias em uma composição dedicada à afirmação de que o Último Imperador seria um “Rei dos Francos”, não apenas descendente de Carlos Magno, mas também dela, ocidentalizando o pensamento contido na obra do Pseudo-Metódio. Embora seja uma obra pouco extensa e, segundo Wright, uma “obra de realização descuidada” (1967:100), se tornou extremamente influente nos séculos subsequentes, como documento de referência sobre o tema, particularmente no século XII na Alemanha Imperial. Respondendo a ansiedades profundas, a figura messiânica do Último Imperador Romano desde então estaria sempre presente no universo imaginário medieval, intimamente ligado à figura de Cristo.

Em todo caso,

(...) privilegiadamente, o Messias era um rei, que para as sociedades arcaicas é a encarnação do povo. No Ocidente medieval, o caráter religioso do monarca, negado de início pela própria cristianização dele, foi recuperado a partir do século VII na Espanha visigoda e do século VIII nas demais regiões, com a prática da unção que o tornava sagrado. Desde princípios do século IX com Luís, o Pio, unção e coroação tornaram-se quase inseparáveis. (FRANCO JR, 1992, p. 66)

Dentre os diversos reis medievais ligados a esta corrente messiânica, destacamos Carlos Magno, o primeiro restaurador do Império, que foi ungido e recebeu uma forte carga escatológica decorrente de suas conquistas militares que levaram diversos povos pagãos à Cristianização e de seu combate aos muçulmanos durante a invasão que criou a Marca Espanhola (que, incidentalmente, gerou a Canção de Rolando). Tradições posteriores também fizeram dele um cruzado *avant la lettre* e tornaram-no também em mais um monarca adormecido que há de retornar. E neste momento, viria a conquistar e converter todos os pagãos e infiéis tornando-se assim o Imperador dos Últimos Dias.

Frederico I foi incluído muito cedo neste rol, sendo que foi cruzado duas vezes (1147-49 e 1188-90), e na segunda vez, tendo partido como Imperador do Ocidente, em

rota quase tornou-se do Oriente também. Contava com um grande e bem organizado exército que causou enormes preocupações a Saladino, a ponto deste ordenar que as colheitas fossem armazenadas e que fosse pedida ajuda a todos os potentados islâmicos da Espanha a Bagdá. Segundo seu secretário e biógrafo, Baha-ed-Din, quando Frederico morreu afogado na Síria, Saladino suspirou de alívio e livrou-se do medo de perder a Síria, a Palestina e talvez o próprio Egito. (GABRIELI, 1984, p. 209-212; RUNCIMAN, v.3, 1954, p. 10-17)

É interessante percebermos que em outro documento do mesmo período (1165) e associado à Chancelaria imperial fredericiana, a chamada Carta do Preste João das Índias¹², também subsiste o modelo do monarca messiânico: nela um mítico rei-sacerdote cristomimético oriental, “rei de muitos reis”, (como Frederico pretendia ser) demonstra como poderia ser um Império governado por um Melquisedec moderno, sem a prejudicial divisão entre Reino e Sacerdócio.

Se o partido imperial recorreu às tradições orais sobre o rei-sacerdote oriental, é porque elas respondiam às necessidades psicológicas de então. Inclusive dos elaboradores do projeto imperial. Os homens são produto de seu tempo, e só se “inventa” ou se “acredita” no que é possível para a época inventar ou acreditar. (FRANCO JR, 1996, p. 95)

Quando ligamos os pronunciamentos imperiais, a canonização de Carlos Magno (pelo antipapa imperial Vítor IV em 1165), o traslado das relíquias dos Reis Magos de Milão para Colônia em 1164 (implicando numa subordinação de Roma a Colônia, já que os Magos foram os primeiros a reconhecer a divindade de Jesus, antes dos Apóstolos), os intentos cruzadísticos de Frederico, a *Carta do Preste João* e o *Ludus de Antichristo*, fica clara a intenção de seus autores de criar uma identificação messiânica que fosse facilmente ligada a Frederico *Barbarossa*, criando uma nova legitimidade mística para o Império.

Isso pode ser constatado pela declaração imperial na Dieta de Besançon em 1157: o Império era independente do Papado. Seu soberano recebia a realeza diretamente de Deus, através da eleição entre os príncipes e é a partir daí que a denominação do Império é alterada de *Imperium romanorum* para *Sacrum Imperium romanorum*, sendo que os elementos escatológicos só vieram a confirmar seu status de vice-regente da Divindade.

Quanto à reação da Igreja a esta ofensiva, só podemos descrevê-la como insuficiente. A Cúria parece ter sido apanhada de surpresa pelo preparo intelectual do partido imperial. Alexandre III contestou a validade da canonização de Carlos Magno devido esta ter sido realizada por um antipapa reconhecido apenas pelo Império e sua esfera de influência (Dinamarca e Polônia) e respondeu à Carta do Preste João só em 1177, após a derrota do Barbarossa frente à Liga Lombarda em Legnano (1176) que encerrou suas tentativas de efetivar seu domínio na Itália.

¹² A quem Oto de Freising havia considerado descendente dos Reis Magos

Outro ponto de interesse em relação à caracterização do Último Imperador Romano/Rei dos Teutões é a forma como são tratadas as relações com suas outras contrapartes temporais na Cristandade, os reis dos Francos e dos Gregos.

Em relação aos Francos e Gregos, temos aqui uma curiosa reinterpretação do conceito da *translatio imperii*, muito presente nas obras historiográficas do Bispo Otto de Freising (e bem conhecidas na abadia de Tegernsee, devido à presença de manuscritos com excertos das mesmas no mesmo códice no qual a peça foi preservada): a substituição da autoridade dos grandes impérios de oriente para ocidente, sendo que em tempos medievais esta autoridade teria passado dos Romanos aos Francos e destes aos Germânicos (na ascensão de Otto I).

De fato, desde os tempos carolíngios existia muita má-vontade nas relações entre o império restaurado ocidental e o antigo império do Oriente, ou Império Bizantino. Embora as relações huvessem melhorado nos séculos X e XI, na segunda metade do século XII elas entraram em declínio, chegando mesmo Frederico I combatê-los em alguns episódios durante sua participação na Segunda Cruzada. Desde sua ascensão ao trono, a caracterização dos bizantinos na documentação imperial passou a ser, digamos, menos do que lisonjeira. Uma situação que encontra eco em toda a literatura ocidental referente à Primeira Cruzada.

Já em relação aos Francos, encontra-se mais uma relação de competição, ao menos ideológica, pela herança carolíngia no que concerne ao direito legítimo de deter o diadema imperial.

Mas, tanto o Rei dos Gregos quanto o Rei dos Francos foram vistos pelo pseudo-Metódio e por Adso como os Imperadores do Fim dos Tempos. Fica claro para o autor do *Ludus* que ambos foram suplantados pelos monarcas germânicos: os bizantinos são fracos que se rendem sem lutar. Os francos, orgulhosos, precisam ser conquistados e submetidos pela força.

Com relação ao uso do uso dos epítetos de Anticristo e do Imperador dos Últimos Dias, é válido citarmos a reflexão de Jacques Le Goff:

O mais importante é que o Anticristo e o seu adversário, o Imperador do Fim do Mundo, se prestam a todas as utilizações religiosas e políticas e exercem tanta atração sobre as massas como sobre os clérigos. A idéia de um adversário singular de Cristo – neste mundo em que o duelo, como veremos, é uma imagem preponderante da vida espiritual – e a aplicação fácil às situações reais dos episódios da história do Anticristo facilitaram a adoção desta crença pelo povo. Finalmente, o grande gênero publicitário da Idade Média, o teatro religioso, muito cedo – pelo menos a partir do século XII – se apoderou da personagem, fazendo-a familiar a todos. O *Ludus de Anticristo*, o Jogo do Anticristo – do qual temos hoje, quanto à Inglaterra e à Alemanha (num manuscrito da abadia de Tegernsee, na Baviera, da segunda metade do século XII), versões particularmente interessantes – foi jogado em toda a Cristandade. Mas o par essencial é o par formado pelo Anticristo e o seu inimigo, o rex justus, o “rei justo”. Os interesses, as paixões e a propaganda apoderaram-se das personagens ilustres

da cena medieval e, para efeitos de tal ou tal causa, são identificados por seus partidários com o rei justo ou com o Anticristo.”

“Propagandas nacionais que, na Alemanha, fazem de Frederico Barbarruiva e de Frederico II o bom Imperador do Fim do Mundo enquanto, firmando-se numa passagem de Adso, os propagandistas dos reis de França lançam-se à empreitada – e desta propaganda beneficia-se, em especial, Luís VII por ocasião da Segunda Cruzada. Ao invés, os Guelfos, partidários do papa, fizeram de Frederico II o Anticristo; e Bonifácio VIII seria, para seus adversários laicos, um Anticristo sentado no trono de São Pedro. (LEGOFF, v.1, 1983, p. 235-236)

5. Conclusões:

Os documentos produzidos por comunidades e indivíduos com a finalidade de comunicar seus pontos de vista sobre a Contenda das Investiduras resultaram na criação de um foro público, independente da geografia. Esta polêmica localização foi identificada como uma esfera pública pré-Habermasiana por Leidulf Melve em sua obra em dois volumes, *Inventing the Public Sphere: The Public Debate During the Investiture Contest (c.1030-1122)*. Logo no início do primeiro volume Melve identifica as formas de disseminação de informações que eram comuns na Europa e a formação de uma opinião pública baseada nas informações disponíveis a uma ampla audiência¹³, principalmente através da comunicação oral¹⁴.

Embora Melve não tenha levado em consideração a utilização de representações teatrais em suas elaborações, a própria natureza pública de sua arte nos leva a considerá-las como um meio perfeitamente adequado para a disseminação de informações. Poder-se-ia contestar seu valor devido ao fato de sua composição em Latim. Mas muitas vezes se esquece praticamente toda a comunicação erudita ocorria em Latim durante o período e os participantes desta esfera pública já mencionada eram clérigos e nobres, em sua maioria conhecedores da língua latina, ou com acesso rápido a intérpretes, capacitando-os a disseminar as informações assim apreendidas.

A positivíssima imagem dada na peça ao Imperador Romano/Rei dos Teutões, nos faz crer que a comunidade monástica de Tegernsee ativamente apoiava o imperador Frederico como a principal autoridade temporal na Cristandade e isto coloca o *Ludus* firmemente no campo pró-imperial da esfera pública do século XII.

O texto apresenta uma visão polêmica das estruturas de poder na Europa do século XII e constrói para seus espectadores/leitores um mundo no qual a ativa ação do Imperador adentra à Escatologia Bíblica. Ele funciona como uma representação textual das negociações de poder que naquele momento estavam em plena mudança, identificando as tensões que ainda brotavam da Contenda das Investiduras e propunham um projeto para solucioná-las.

¹³ MELVE, I, 2007, p. 32-43.

¹⁴ MELVE, I, 2007, p. 40.

Ao contrário de obras diretamente ligadas à Chancelaria Imperial (como a *Gesta Friderici* de Otto de Freising & Rahewin, o anônimo *Carmen de Gestis Friderici I Imperatoris in Lombardia*, a *Chronica* de Otto Morena e continuadores, a anônima *Carta do Preste João das Índias* e canção *Salve mundi domine* do Arquipoeta de Colônia), o *Ludus de Anticristo* possui um ar de certa naturalidade, com seu louvor indireto à figura de Frederico I Barbarossa.

Em termos escatológicos, suas contribuições podem ser resumidas nas seguintes considerações: em primeiro lugar, o *Ludus* reformula a tradição ligada à figura do Último Imperador ao identificá-lo como positivamente teutônico, em contraste às formulações anteriores (Rei dos Gregos e Rei dos Francos), contudo, suas principais contribuições estão ligadas à corrente crítica que reavaliava a postura cada vez mais voltada para a ingerência da Igreja nos assuntos seculares, um inesperado subproduto da Reforma Gregoriana.

A separação cada vez maior entre clerezia e laicado levou a uma alienação entre ambos, com a clerezia assumindo uma posição de superioridade intensa sobre os leigos e, devido a esta posição, criam-se no direito de interferir cada vez mais nos assuntos laicos, trazendo um significado especial para as palavras dos Hipócritas ao Rei de Jerusalém:

A santa fé vêm claudicante há muitos anos,
E a vaidade capturou a Madre Igreja.
E qual é o propósito deste desperdício, destes homens adornados?
Deus não ama estes clérigos mundanos!
Levanta-te então: ascenda à régia altura
Para mudares estas desgastadas relíquias com teu poder!
(vv. 171-176)

Estas críticas estavam se tornando cada vez mais comuns, partindo de elementos tão díspares quanto os Goliardos (jovens estudantes itinerantes que eram ligados à Igreja através de votos parciais e que exprimiam seu descontentamento através de canções, com muitas presevadas no manuscrito dos *Carmina Burana*), Arnaldo de Bréscia (reformista político e religioso cujos ensinamentos derrubaram o governo papal sobre Roma entre as décadas de 1140 e 1150), a heresia Valdense (que pregava o retorno da Igreja à pobreza apostólica) e mesmo os inícios da Ordem Franciscana.

Ao mesmo tempo o *Ludus* afirma a impotência do Papado ao mantê-lo calado durante todo o desenrolar do drama do Fim dos Tempos. O líder religioso da Cristandade se omite de seu papel natural e, com sua ingerência nos assuntos seculares, só tende a sabotar a obra do líder secular por excelência, o Imperador. Em ambas as instâncias, o Santo Padre só contribui para facilitar a ascensão do Anticristo.

Em suma, o *Ludus de Anticristo* é um documento essencial para o entendimento da renovada importância que a Escatologia passou desfrutar no século XII como parte da ressignificação da legitimidade imperial no contexto pós-Contenda das Investiduras. Contudo, ele é mais do que mais do que isso, sendo também um testemunho representativo das tensões políticas, religiosas e culturais do período, além de um expoente da dramaturgia medieval.

6. Referências

Fontes:

- Bíblia Sagrada – Edição Pastoral-Catequética*, São Paulo: Editora Ave-Maria, 2004.
- ENGELSING, R. *Ludus de Antichristo – Das Spiel vom Antichrist, Lateinisch/Deutsch*, Stuttgart, 1968.
([Http://www.hs-augsburg.de/~harsch/Chronologia/Lspost12/LudusDeAntichristo/lud_an00.html](http://www.hs-augsburg.de/~harsch/Chronologia/Lspost12/LudusDeAntichristo/lud_an00.html), consultado a 10 de Março de 2013).
- McGINN, Bernard. *Visions of the End – Apocalyptic Traditions in the Middle Ages*, Nova York: Columbia UP, 1979.
- WRIGHT, John (trad.). *The Play of Antichrist*, Toronto: Pontifical Institute of Medieval Studies, 1967.

Bibliografia secundária:

- AICHELE, Klaus. “The Glorification of Antichrist in the Concluding Scenes of the Medieval "Ludus De Anticristo", *MLN*, Vol. 91, No. 3, Apr., 1976, pp. 424-436.
- ALEXANDER, Paul J. “The Medieval Legend of the Last Roman Emperor and Its Messianic Origin”, *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes*, vol. 41, 1978, pp. 01-15.
- ARAÚJO, Vinicius Cesar Dreger de. “De Imperador dos Últimos Dias a Anticristo – O papel escatológico e a demonização política dos imperadores germânicos (1152-1250)”, in: *A Religiosidade dos Celtas e Germanos*, São Luís: UFMA, 2010, pp. 122-142.
- ARNOLD, Benjamin. “The Western Empire, 1125-1197” in: *The New Cambridge Medieval History*, Vol. IV 1024-1198 parte II, Cambridge: CUP, 2004, pp. 384-421.
- BLUMENTHAL, Ute-Renate. *The Investiture Controversy*, Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1991.
- CARDINI, Franco. *Il Barbarossa: Vita, trionfi e illusioni di Federico I Imperatore*, Milão: Oscar Mondadori, 2000.
- CHRICHTON, Andrew B. “Kyng Johan and the Ludus de Antichristo as Moralities of the State”, *Sixteenth Century Journal*, Vol. 4, No. 2. Oct., 1973, pp. 61-76.
- EMMERSON, Richard K. “The Representation of Antichrist in Hildegard of Bingen's Scivias: Image, Word, Commentary, and Visionary Experience”, *Gesta*, Vol. 41, No. 2 2002, pp. 95-110.
- EMMERSON, Richard K. *Antichrist in the Middle Ages - A Study of Medieval Apocalypticism, Art, and Literature*, Seattle: University of Washington Press, 1981.
- FRANCO JR, Hilário. *As Utopias Medievais*, São Paulo: Brasiliense, 1992.
- FUHRMANN, Horst. *Germany in the High Middle Ages c. 1050-1200*, Cambridge: CUP, 1995.
- HUIZINGA, Johann. *Homo Ludens - A Study of the play-element in Culture*, Londres: Routledge, 1980.
- JEEP, John M. (ed.). *Medieval Germany: An Encyclopedia*, Londres: Routledge, 2004.
- LE GOFF, Jacques. *A Civilização do Ocidente Medieval*, Lisboa: Estampa, volume 1, 1983.
- MELVE, Leidulf. *Inventing the Public Sphere: The Public Debate During the Investiture Contest (c.1030-1122)*, 2 volumes, Leiden: Brill, 2007.

-
- THOMAS, Kyle A. *The "Ludus de Antichristo": Playing Power in the Medieval Public Sphere*, Dissertação de Mestrado em Teatro, Urbana-Champaign: Universidade de Illinois, 2012.
- WEINGARTEN, Larry. *"Sper, Kriuz unde Dorn" : Glorification and Millenarian Concepts in Medieval German Literature*, Tese de Doutorado em Alemão, Waterloo (Ontário): Universidade de Waterloo, 1997.
- WHALEN, Brett Edward. *Dominion of God: Christendom and Apocalypse in the Middle Ages*. Cambridge (Massachusetts): Harvard UP, 2009.